

Anonimato e apagamento enunciativo na rede social X: pontos de vista sobre PL contra aborto legal

Anonymity and enunciative erasure on social network X: points of view on the bill against legal abortion

Evandro de Melo Catelão  

evandrocatelao@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

Isabel Muniz-Lima  

isabel.muniz@fale.ufal.br

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil

Resumo

Este estudo pretende explorar alguns aspectos enunciativos e verbo-icônicos presentes em tentativas de apagar-se enunciativamente em postagens e comentários na rede social X em discussões sobre o Projeto de Lei (PL) do Deputado Sóstenes Cavalcante contra o aborto legal no Brasil. A pesquisa propõe, desse modo, discutir usos argumentativos e discursivos de algumas formas de apagamento enunciativo, especialmente no que diz respeito ao gerenciamento de pontos de vista nesse ambiente. Problematicamos o papel do anonimato como uma ferramenta discursiva e seu impacto na dinâmica de interação nos espaços digitais. O estudo está amparado teoricamente nos trabalhos de Rabatel (2017), Adam (2020), Adam e Gilles Lugin (2006/2007), Marques (2022), Cavalcante *et al.* (2022), entre outros autores que discutem formas de apagamento enunciativo em diversas situações sociodiscursivas ou ligadas aos estudos do texto. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem descritiva e interpretativa, utilizando capturas de tela de postagens realizadas no perfil do então presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva e comentários relacionados a essa postagem. Os resultados das análises mostram um uso particular do anonimato, empregado como uma ferramenta de ataque e como marca de posição ideológica nessa rede social.

Palavras-chave

Linguística Textual. Apagamento Enunciativo. Interação Digital. Ponto de Vista.

Abstract


This study aims to explore certain enunciative and verbo-iconic aspects present in attempts at enunciative erasure in posts and comments on the social network X, in discussions about the Bill (PL) proposed by Congressman Sóstenes Cavalcante against legal abortion in Brazil. The research, therefore, seeks to discuss argumentative and discursive uses of some forms of enunciative erasure, especially concerning the management of points of view in this environment. We problematize the role of anonymity as a discursive tool and its impact on the dynamics of interaction in digital spaces. The study is theoretically grounded

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 28/08/2024

Aprovação do trabalho: 19/05/2025

Publicação do trabalho: 04/07/2025

 10.46230/lef.v17i2.13867

COMO CITAR

CATELÃO, Evandro de Melo; MUNIZ-LIMA, Isabel. Anonimato e apagamento enunciativo na rede social X: pontos de vista sobre PL contra aborto legal. **Revista Linguagem em Foco**, v.17, n.2, 2025. p. 91-110. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13867>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

in the works of Rabatel (2017), Adam (2020), Adam and Gilles Lugin (2006/2007), Marques (2022), Cavalcante et al. (2022), among other authors who discuss forms of enunciative erasure in various socio-discursive situations or in relation to text studies. Methodologically, the research adopts a descriptive and interpretative approach, using screenshots of posts made on the profile of then-Brazilian president Luiz Inácio Lula da Silva and related comments. The analysis results reveal a particular use of anonymity, employed both as a tool for attack and as a marker of ideological positioning on this social network.

Keywords

Textual Linguistics; Enunciative Erasure; Digital Interaction; Point of View.

Introdução

Os textos são empregados e organizados de acordo com um projeto de dizer, ou seja, uma intencionalidade de agir sobre um alocutário provável. É justamente por essas instâncias, como bem apresentam Cavalcante *et al.* (2022), que as unidades de comunicação (os textos) se instauram também como unidades de sentido em contexto e como eventos comunicativos. Concordamos com esses autores e, sob essa perspectiva, propomos um estudo sobre a noção de apagamento enunciativo junto a uma discussão sobre o anonimato em redes sociais, observados em uma perspectiva textual e discursiva. Assim como Marques (2022), tomamos como ponto de partida que, dependendo dos recursos tecnológicos (Paveau, 2021), da situação de produção e do modelo de gênero do discurso, a tentativa de apagar-se enunciativamente é uma espécie de “fingimento”, quando mecanismos linguísticos são acionados para simular que não existe um locutor/enunciador primeiro¹ no texto (Marques, 2022).

Ao particularizar o uso do apagamento enunciativo em contextos digitais, como nas postagem do X, destacamos a importância de certos aspectos da interação (Muniz-Lima, 2024) inerentes a esses ambientes e que colaboram na encenação de apagamento como um anonimato. Haveria a previsão de uso desse tipo de recurso, não apenas nas trocas entre interlocutores no espaço dos comentários, mas também na geração ou na ampliação de sentidos em relação a uma postagem iniciadora, desempenhando um papel crucial na compreensão e interpretação de textos verbo-icônicos que se combinam e se ampliam nesses ambientes. Mesmo que haja a intenção de apagar ou minimizar a posição do

1 Falaremos mais adiante sobre o assunto, mas cumpre apresentar aqui ao leitor que o termo é emprestado de Rabatel (2017), para quem o locutor (produtor físico do enunciado) e o enunciador (instância de origem do ponto de vista) articulam-se como instância primeira do gerenciamento das vozes e do ponto de vista do texto. Locutores e enunciadore segundos (I2/e2) e subsequentes são pelo enunciador primeiro acionados e a eles imputados ou não os pontos de vista.

locutor, os pontos de vista (doravante PDVs²) gerados se marcam intertextualmente com uma certa intencionalidade de agir e propor novas ações, ou mesmo por seu uso ser dispensado, dada a especificidade do modelo de gênero ou da situação de produção utilizada, em que a figura do locutor primeiro permanece apagada em detrimento do conteúdo ou das fontes enunciativas (locutores secundários).

Para Vion (2001 *apud* Rabatel, 2017, p. 51), o apagamento enunciativo é visto como “uma estratégia, não necessariamente consciente, que permite ao locutor dar a impressão de que se retira da enunciação, que ‘objetiva’ seu discurso ao ‘apagar’ não apenas as marcas mais manifestas de sua presença (os *embrayeurs*)”. Assim, o apagamento passa a ser um fenômeno discursivo em que a presença do locutor, produtor empírico do enunciado, se torna implícita ou “invisível” no discurso, criando a impressão de que o texto fala por si mesmo. Cremos que em ecossistemas digitais, isso pode ocorrer de forma particular ou com diferentes intenções argumentativas quando as formas de apagamento são comparadas com às realizadas em textos literários, jornalísticos entre outros.

Neste artigo, problematizamos que tipos de marcas, estratégias ou apagamentos enunciativos poderiam ser visualizados em postagens e comentários em redes sociais, ambiente no qual o anonimato muitas vezes é usado como ferramenta discursiva de ataque. A noção de anonimato é apresentada por Paveau (2021) para certos tipos de interação nesses ambientes, como nos comentários. Propomos, assim, investigar como o apagamento enunciativo e o gerenciamento de PDV se manifestam em postagens e comentários no ecossistema X, em discussões sobre o Projeto de Lei (PL) do então deputado Sóstenes Cavalcante contra o aborto legal no Brasil, onde a dinâmica da interação, isto é, do processo de coconstrução de sentidos, é, em algum ponto, mediada pelos recursos tecnolinguageiros dessa rede social. De forma específica, objetivamos: i) identificar marcas, estratégias de apagamentos enunciativos em uma postagem do então presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, no X (@lulaoficial), e em um conjunto de comentários relacionados a essa postagem sobre o PL contra o aborto legal; ii) analisar de que modo o uso dessas estratégias tecnolinguageiras interfere no jogo de PDV dos interlocutores sobre a questão do PL contra o aborto legal

2 Embora apresentemos PDV - Ponto de vista - com as iniciais em maiúsculas, cumpre esclarecer que esse uso é realizado por Rabatel (2017) em seus estudos. Adam e Gilles Lugin (2006/2007) ou Adam (2020) preferem o uso como PdV.

no Brasil; iii) discutir a função do anonimato como uma forma de gradação do apagamento enunciativo junto às possibilidades polifônicas em determinadas situações de produção.

Teoricamente, além dos autores citados, nos amparamos nas discussões que vêm sendo apresentadas em diferentes trabalhos em Linguística Textual no Brasil, particularmente as realizadas pelo Grupo Protexito, ao qual os autores deste estudo estão filiados. Para tanto, adotamos uma abordagem interdisciplinar, conforme Cavalcante *et al.* (2022), partindo de uma visão ampla da noção de texto, entendido a partir da integração de um conjunto de aspectos relacionados com a coerência em um dado contexto. Nesse sentido, para tratar das questões enunciativas, tomamos como ponto de partida Rabatel (2017), Adam e Gilles Lugin (2006/2007), Marques (2022), entre outros autores que discutem as marcas de apagamento enunciativo em determinados gêneros.

Metodologicamente, o estudo, de caráter descritivo e interpretativo, traz como *corpus* capturas de tela de postagem realizada pelo então presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, no X, em seu perfil oficial (@lulaoficial), em um momento em que se discutia o PL de Sóstenes Cavalcante contra o aborto legal no Brasil. Convocamos, ainda, um conjunto de comentários relacionados a essa postagem. Acreditamos na importância do caráter documental deste trabalho, uma vez que os textos coletados são formas de argumentação que muito podem revelar sobre os usos e as formas de posicionamento dos usuários nas redes, considerando também os próprios recursos tecnodiscursivos desses ambientes.

Para cumprir nossos objetivos, organizamos este estudo em quatro partes: na primeira, apresentamos alguns aspectos teóricos sobre a heterogeneidade do plano enunciativo e articulamos essas reflexões a características das interações digitais. Na segunda parte, apresentamos a metodologia de análise e a descrição do *corpus*. Na sequência, analisamos a postagem e o conjunto de comentários selecionados para a observação das estratégias de apagamento enunciativo na rede social X e, por fim, apontamos algumas considerações sobre essa investigação.

1 Heterogeneidade enunciativa, apagamento enunciativo e discurso digital

Neste estudo, a enunciação será abordada a partir de uma perspectiva discursiva, ancorada também na análise textual dos discursos (Adam, 2020), com ênfase em abordagens que destacam a heterogeneidade do plano enunciativo como elemento central na construção dos sentidos (Rabatel, 2017; Monte, 2007;

Adam; Gilles Lugin, 2006/2007; Adam, 2020). Essa perspectiva teórica delimita nosso ponto de partida para a compreensão e análise das figuras de locução e de enunciação, bem como das instâncias enunciativas responsáveis pela gestão e pela origem dos pontos de vista (PDV³) no interior dos textos.

Nesse sentido, entendemos esse plano teórico em uma perspectiva dialógica, conforme proposto por Bakhtin (2019), um discurso se constrói em relação a outros. Também o delimitamos considerando sua interligação com os interesses da Linguística Textual (LT), compreendendo essas noções com base em um plano heterogêneo, onde o texto é visto como uma unidade de comunicação em contexto, um evento comunicativo elaborado por locutores, com base em recursos tecnológicos e segundo um modelo de gênero do discurso (Cavalcante *et al.*, 2022). Com esse delineamento, adotamos uma atitude interdisciplinar de tratamento teórico característica da LT, assumindo a existência de sujeitos (humanos ou não) envolvidos na direção de enunciar seus projetos de dizer a outros, voltados a um alocutário. Cremos que esses projetos são organizados com a intenção de provocar uma ação de resposta nesses sujeitos, provocando uma interatividade (Cavalcante *et al.*, 2022).

Compreendemos, dessa forma, que o plano enunciativo é marcado por diferentes figuras de elocução e posturas enunciativas, figuras essas ligadas à responsabilidade enunciativa⁴ do locutor primeiro pelo que é dito. Como observa Rabatel (2017, p. 44 – tradução nossa) “o locutor é a instância que profere um enunciado, em suas dimensões materiais, fonéticas ou escriturais”⁵, e o “enunciador corresponde a uma posição (enunciativa) que o locutor adota, em seu discurso, para considerar os fatos, as noções, sob um este ou aquele ponto de vista (PDV)”⁶. O autor parte dessa distinção também para discutir seus conceitos de locutores/enunciadores primeiros (L1/E1), locutores/enunciadores segundos (L2/

3 Apesar de Adam utilizar a abreviação de ponto de vista como PdV, utilizaremos neste estudo a abreviação conforme Rabatel (2017), PDV, por essa ser a fonte teórica dominante neste estudo sobre a noção de PDV.

4 Tanto em Rabatel (2017) quanto em Adam e Gilles Lugin (2006/2007), o termo é ligado à ética do que é dito ou apresentado, contudo, cada autor apresenta sua abordagem do termo.

5 “Le locuteur est l'instance qui profère un énoncé, dans ses dimensions matérielles, phonétiques ou scripturales” (Rabatel, 2017, p. 44). Embora já tenha considerado o locutor como produtor físico do enunciado “le locuteur est le producteur physique de l'énoncé; l'énonciateur, l'instance à l'origine d'un PDV, qui ne s'exprime pas nécessairement par des paroles” (Rabatel, 2009, p. 71).

6 “L'énonciateur correspond à une position (énonciative) qu'adopte le locuteur, dans son discours, pour envisager les faits, les notions, sous tel ou tel point de vue (PDV)” (Rabatel, 2017, p. 44).

e2) e PDV. Dessa forma, L1/E1, em letras maiúsculas, constitui uma espécie de sincretismo do locutor e do enunciador primeiro, a instância que gerencia o PDV, ou seja, a fonte do gerenciamento das figuras de locução de um dado enunciador, seja por um ato de fala identificável (I2/e2) ou não (e2). Nesse contexto, I2/e2, em minúsculas, corresponde ao sincretismo de locutores/enunciadores segundos, e e2, usado sozinho, na ausência de ato de fala.

Tão importante quanto, o PDV seria assim definido por Rabatel:

Defino como ponto de vista (PDV), em linguística, todo enunciado que predica informações sobre qualquer objeto do discurso, fornecendo não apenas informações sobre o objeto (relacionadas a sua denotação), mas também sobre a maneira pela qual o enunciador considera o objeto, expressando assim um PDV. O tema do PDV pode ser um indivíduo, uma coletividade, um anônimo, podendo expressar PDVs singulares ou coletivos, originais ou estereótipos⁷(Rabatel, 2017, p. 43 - tradução nossa).

Nas palavras do autor, o PDV abrange o conjunto da referenciação, admitindo também certo valor de verdade no que se refere aos dados subjetivos reconstruídos com base no conteúdo proposicional (CP). Essa expressão é algumas vezes usada pelo autor com certa equivalência com PDV, segundo Rabatel (2009, p. 71), nos mesmos moldes utilizados por Ducrot. Contudo, o CP e o PDV não se recobrem totalmente, estando o CP como correspondente ao valor de verdade. Assim:

O estudo dos PDV pode se limitar a este quadro, mas se examinarmos os PDV em textos, então é possível [...] agrupar os PDV de acordo com as intenções pragmáticas de sua fonte, desde que proposições considerem um ou vários objetos do discurso segundo a mesma perspectiva ou compartilhem uma mesma visada argumentativa⁸.

Esses postulados nos são importantes para estabelecermos correlações

7 “Je définis comme point de vue (PDV), en linguistique, tout énoncé qui prédique des informations sur n’importe quel objet du discours, en donnant non seulement des renseignements sur l’objet (relatifs à sa dénotation), mais aussi sur la façon dont l’énonciateur envisage l’objet, exprimant ainsi un PDV. Le sujet du PDV peut être un individu, un collectif, un anonyme, et il peut exprimer des PDV singuliers ou collectifs, originaux ou stéréotypés”.

8 L’étude des PDV peut se borner à ce cadre, mais si on examine les PDV dans des textes, alors il est possible – et c’est le choix que nous faisons [...] de regrouper les PDV selon les intentions pragmatiques de leur source, dès lors que des propositions envisagent un/plusieurs objet(s) du discours selon la même perspective ou partagent une visée argumentative identique.

com outras noções, ou mesmo poder afirmar que não há discurso sem um locutor e assim chegar ao que então vamos compreender como apagamento do locutor da superfície discursiva. Do mesmo modo, eles permitem compreender outras noções, como a de enunciador textual e enunciador digital, ambas delimitadas como ferramentas ou parte do processo de construção dos sentidos. Além disso, possibilitam direcionar a visão de maior ou menor parença do locutor em diferentes campos, como o da enunciação literária, da esfera jornalística, dos discursos de celebração e dos discursos digitais, importantes para a discussão que pretendemos apresentar em nosso *corpus*.

Nesse sentido, partindo da enunciação literária e segundo a denominação de L1/E1 de Rabatel (2017), trazemos o estudo de Monte (2007) que apresenta, moldada pelas demandas do discurso, a noção de enunciador textual (ET). Para a autora, na

[...] comunicação direta, os interlocutores necessariamente relacionam o locutor/enunciador – mesmo que para constatar lacunas entre o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo – com o ser de carne e osso por quem passa a sua palavra, ou até mesmo assimilam um ao outro, enquanto que, na enunciação literária, o ET é apenas um artefato do discurso e não tem qualquer outra existência que não aquela que lhe é conferida pela cena da enunciação⁹ (Monte, 2007, p. 03).

Prosseguindo com a revisão, a autora explora as diferentes maneiras pelas quais esse ET pode se manifestar nos textos literários e em situações específicas. Primeiramente, ele pode estar presente na diegese, integrando a história e assumindo um ponto de vista (PDV), como um eu lírico ou eu autobiográfico. Em seguida, o ET pode se apresentar como um locutor primeiro (L1) apagado, delegando a fala a um locutor segundo (I2) ou enunciador segundo (e2), mantendo-se distante da cena de locução (como em peças teatrais ou diálogos filosóficos), exceto ocasionalmente, quando ele se revela no peritexto. Nesse segundo caso, ocorre o que a autora denomina de “passagens de retransmissão” para I2/e2, ou seja, “são eles que dizem eu”. Na terceira forma, o ET atua como condutor, mas não se envolve diretamente na diegese, permanecendo anônimo e criando personagens que falam por si mesmos, como nas epopeias. Finalmente, existe o ET

9 Dans la communication directe, les interlocuteurs mettent nécessairement le locuteur / énonciateur – fût-ce pour constater des écarts entre *ethos* préalable et *ethos* discursif – en rapport avec l'être de chair par qui passe sa parole, voire assimilent l'un à l'autre, alors que, dans l'énonciation littéraire, l'ET n'est qu'un artefact du discours et n'a d'autre existence que celle que lui confère la scène d'énonciation.

apagado, sem a presença de personagens e sem que seja possível vincular os PDVs aos locutores; segundo a autora, esse seria o caso de poemas com apagamento enunciativo, como no *haikai*.

Indo além do espaço literário estudado por Monte (2007), Adam e Gilles Lugin (2006/2007) tratam do apagamento na esfera jornalística, não necessariamente falando de um ET, mas tratando de uma contribuição importante à compreensão sobre o apagamento enunciativo e suas formas de uso. Segundo os autores, citando um estudo de Marnette (2004), na parte dita mais “informativa” dos jornais, seria mesmo possível perceber que L1, o jornalista, vem a adotar uma posição de “sub-enunciador”, objetivando um maior destaque às fontes enunciativas da informação dada (I2, I3 etc.) que ele vai convocando à medida que produz seu texto. Desse modo, o apagamento enunciativo é observado pelos autores em uma perspectiva tanto linguística como textual dos discursos (Adam; Gilles Lugin, 2006/2007), sendo assim também compreendido como uma espécie de simulação de não existência de figuras de locução no nível da enunciação primeira.

Marques (2022, p.15), de forma complementar e tratando dos discursos de celebração, apresenta que “este fenômeno acentua a heterogeneidade do plano enunciativo, construindo um jogo discursivo que revela **gradações** na presença-ausência do locutor e de outras vozes que este traz para o discurso, desenhando o mapa do fazer discursivo” (destaque nosso). Para a autora, o apagamento assume uma perspectiva aparentemente paradoxal. Ele parece ter funções e formas de apresentação bem diversas (formas essas que ligaremos aos recursos tecnológicos mais adiante) e mecanismos linguísticos e verbo-icônicos diversificados. Nas palavras da autora, o apagamento enunciativo é assim um artifício que assume ou possibilita “um fingimento compartilhado pelos interlocutores (Kerbrat-Orecchioni, 1980 *apud* Adam e Gilles Lugin (2006/2007) tendo em conta que o dialogismo é constitutivo dos discursos (Authier-Revuz, 1982 *apud* Adam e Gilles Lugin (2006/2007))” – Marques (2022, p. 14-15). Essa visão vai em direção próxima da apresentada por Adam e Gilles Lugin (2006/2007) ou Monte (2007), pela qual se conclui que há um objetivo ou ação visada ao se fazer uso do apagamento, particularmente quando L1/E1 objetiva dar destaque ao PDV de um I2/e2 ou apenas e2, agindo como um “sub-enunciador” ou mesmo para moldar-se aos planos dos textos “sem locutor”, como em gêneros do conselho ou textos instrucionais (textos de incitação à ação).

Complementamos essa discussão com a noção de enunciador digital

(ED), uma instância discursiva para os ecossistemas digitais, que, ao nosso ver, também pode se expressar com algumas formas de apagamento enunciativo nesses ambientes. Segundo Paveau (2021, p. 163), os EDs não são um tipo de instância comum derivada da enunciação, mas sim “figuras de locutores nascidas na internet, que não possuem equivalente fora da rede: não são figuras transportadas nem adaptadas dos universos não digitais para os universos digitais, mesmo que suas produções discursivas ecoem” nos discursos sociais. Embora a autora não tenha como objetivo aprofundar a descrição dessa figura em termos enunciativos, é possível afirmar que seus exemplos, como *Troll* e *Grammar Nazi*, podem ser definidos como possíveis imagens ou representações desses enunciadores, de acordo com o tipo de discurso que disseminam (comportamento discursivo online) nas redes. Além disso, frequentemente, esses locutores se escondem sob um anonimato ou pseudoanonimato, o que poderia ser um tipo de gradação na desinscrição do locutor no discurso.

Podemos dizer, assim, que o ED se refere a um tipo de produtor de enunciados específico dos ambientes digitais, não sendo apenas um locutor no sentido tradicional ou mesmo rabateliano, mas também um participante que se vale de recursos tecnológicos nas interações particulares possíveis ou criadas pelos ecossistemas digitais. Nesses ecossistemas, esse enunciatador acaba por se caracterizar ou se moldar com base em suas ações/objetivos ao interagir, o que o leva, com base nas possibilidades tecnolinguageiras do ambiente que interage, a usar e encontrar maneiras não usuais e a depender desses ecossistemas de apresentar ou gerenciar PDVs, tendo em vista também as possibilidades de interatividade desses ambientes (uso de #, por exemplo – Catelão; Muniz-Lima, 2024). Os textos e, em extensão, os discursos – conforme Cavalcante *et al.* (2022, p. 28), este último “assumido em textos no âmbito de toda uma interdiscursividade” – criados *online* são característicos desses ambientes, ou seja, plurissemióticos e tecnológicos, como se evidencia pelo uso de *hashtags* #, marcações @, *emojis*, vídeos, *hyperlinks* para diferentes textos, entre outras possibilidades.

Essas características possibilitam, a nosso ver, modos diferenciados e/ou tentativas de apagamento enunciativo, como usos verbais voltados ao anonimato total ou parcial, tanto com a adoção de pseudônimos, monônimos, nomes artísticos quanto o emprego de elementos plurissemióticos de disfarce discursivo como máscaras, figuras distorcidas, entre outros, viabilizados ou mediados por formas tecnolinguageiras. Talvez a mais conhecida seria aquela em que a posição do locutor é designada como anônima (“*anonymous*” em inglês), criando um

espaço onde qualquer pessoa pode expressar seu PDV, geralmente por meio de ofensas e insultos, com a intenção, muitas vezes, de fomentar o discurso polêmico (Catelão; Muniz-Lima, 2024) ou de ódio (Garcia, 2024). É esse tipo de situação que pretendemos examinar à luz dos estudos sobre o apagamento enunciativo, buscando inter-relacionar as discussões de autores como Rabatel (2017), Marques (2022), Adam e Gilles Lugin (2006/2007).

Nesse sentido, problematizamos a noção de anonimato e, assim como Nagel e Frith (2015), argumentamos que se trata de um *continuum* complexo, moldado pelas *affordances* das tecnologias de comunicação. Nesse contexto, o anonimato e outras práticas, como o uso de pseudônimos, costumam atuar como formas de simulação¹⁰ – ainda que mais marcadas – da não presença do locutor no discurso, não havendo, portanto, um apagamento enunciativo absoluto. Os ecossistemas digitais, nesse caso, funcionam como potencializadores desse tipo de estratégia discursiva, ao mesmo tempo em que evocam a rastreabilidade das contas, por exemplo, por meio do uso do IP (*Internet Protocol*).

Ao atribuímos ao ambiente digital uma modificação no modo de enunciar o PDV, queremos enfatizar que o PDV permanece o mesmo – seja em ambiente digital ou não –, especialmente enquanto orientação valorativa realizada por um L1/E1. Contudo, a forma como esse PDV é enunciado parece se alterar, expandir ou mesmo ressignificar, particularmente diante das nuances entre apagamento enunciativo, anonimato e uso de pseudônimos. Nesses últimos casos, a tentativa de desinscrição por meio de determinados recursos não apaga o PDV, mas evidencia estratégias discursivas pelas quais o L1/E1 procura dissimular ou obscurecer sua presença na enunciação.

Esse L1/E1 ao não se deixar mostrar de forma clara ou identificável, vislumbra que seu discurso circule sem a responsabilização enunciativa ou sujeito às consequências que normalmente seriam associadas em falas de identificação pessoal real ou em perfis oficiais. Esse L1/E1 se vale de fotos pessoais ou de imagens adulteradas, como um tipo de avatar; uma foto genérica (animais, paisagens, objetos); uma imagem do tipo padrão (em geral, fornecida pela própria

10 Infelizmente, por questões de espaço e considerando nossos objetivos, não abordaremos outras questões, como as funções do uso de pseudônimos ou o contexto de utilização de identidades reais (Real ID) em relação ao anonimato. Concordamos, contudo, com Nagel e Frith (2015), que afirmam que as diferentes práticas de identidade online também são moldadas por contextos específicos de uso, o que, em certos casos, se reflete no uso de pseudônimos, permitindo, por exemplo, a marcação discursiva de determinadas práticas identitárias.

plataforma); um ícone de anonimato, como uma máscara ou tipo sombra, sinal de pontuação como interrogação; uma fotografia neutra ou de silhueta, parte de um corpo ou imagens desfocadas; uma marca ou logotipo e uso de imagens artísticas ou fotos abstratas.

Para além desses elementos verbo-icônicos, ainda, em sua identificação nos perfis, os nomes ou apelidos, em geral, assumem um tipo de abreviação, com uso de adjetivos ou substantivos que podem revelar, assim como as imagens, um tipo de *ethos* acentuado. Isso pode se dar com o emprego de termos em língua inglesa que marcam esse anonimato – e acentuam uma imagem de si – ou suas respectivas traduções para outras línguas, como: *Ghost Writer*, *Invisible User*, *Silent Observer*, *Shadow Voice*, *Mysterious One*, ou mais comumente, *Incognito* e *Anonymous*, entre outras variações. Ampliamos também o sentido do termo anonimato, à semelhança do que propõem Nagel e Frith (2015), para abranger formas de uso como os pseudônimos nas redes sociais, os quais, apesar de carregarem uma maior marca enunciativa, ainda evocam certo grau de anonimato. Exemplos disso incluem o uso de monônimos (como Madonna, Pelé, Beyoncé), nomes artísticos ou referências a personagens de novelas ou filmes (@nazareamarga, @carminhasincera), além de nomes de usuário ou apelidos que realizam jogos com o nome real (@amandahda), entre outros.

Por fim, ao refletirmos sobre a comparação entre formas de anonimato e outros usos anteriores à popularização das redes sociais – como a pichação –, observamos que, em muitos casos, ambos os usos tendem a favorecer discursos mais agressivos, polêmicos ou transgressivos, como apontado por Paveau (2021) ao discutir fenômenos como os *trolls* e os *grammar nazis*. Nessas situações, o anonimato não se limita à simples ocultação da identidade: ele opera também como uma orientação argumentativa, alinhada ao tipo de discurso enunciado.

Assim, tanto nas redes sociais quanto na pichação, entendemos que não há uma ausência completa de locução ou autoria, mas sim seu uso estratégico. Entretanto, no ambiente digital, esse uso é potencializado pelos próprios mecanismos tecnológicos – que oferecem recursos para o ocultamento, a criação de perfis fictícios e a fragmentação identitária, ao mesmo tempo em que mantêm certo grau de rastreabilidade técnica. Esse aspecto configura uma diferenciação importante em relação à pichação ou à carta anônima, nas quais o suporte em si não oferece instrumentos sistemáticos de rastreamento, reforçando, assim, um anonimato mais “bruto” e menos mediado.

Dessas indagações, chegamos a um quadro de possíveis gradações nas formas de apagamento (Tabela 1):

Tabela 1 – Gradações de apagamento enunciativo

Grau de apagamento	Descrição	Exemplo
Apagamento leve (locutor pouco apagado)	A identidade do locutor é disfarçada, mas permanece reconhecível por sinais indiretos. Uso de anonimato ou pseudônimos ainda mantém certa personalização do discurso.	<ul style="list-style-type: none"> - Anonimato total, seja pela escolha de nomes de perfil como “anônimo”, seja complementado por elementos verbo-icônicos, como avatares, símbolos e imagens genéricas. - Anonimato parcial por meio de pseudônimos: uso de substantivos, monônimos, nomes artísticos ou nomes que remetem a personagens de novelas ou filmes, além de apelidos que jogam com o nome real e marcam práticas identitárias específicas. Também se incluem aqui termos coloquiais, grosseiros, rudes ou obscenos, combinados ou não a elementos verbo-icônicos, como avatares, símbolos ou imagens que tragam algum tipo de referência.
Apagamento moderado (inscrição discreta)	O locutor se oculta atrás de informações ou referências objetivas, deslocando o foco para o conteúdo e reduzindo sua evidência enunciativa.	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de dados estatísticos sem autoria. - Citação de autoridades (Habermas, Aristóteles) no discurso jornalístico, apagando a fonte pessoal. - Relatos de “pessoas comuns” no jornalismo sem nomeação do L1/E1.
Apagamento acentuado (inscrição mínima)	A enunciação se amolda a modelos de gênero que apagam estruturalmente o locutor. A presença individual é praticamente anulada.	<ul style="list-style-type: none"> - Gêneros técnicos, legais e procedimentais (leis, regulamentos, manuais, horóscopos). - Textos virais verbo-icônicos (memes, GIFs, figurinhas) sem autoria explícita.
Apagamento tecnolinguageiro (inscrição automatizada ou técnica)	O apagamento do locutor é mediada ou substituída por mecanismos automáticos ou de interação mínima, sem elaboração discursiva pessoal.	<ul style="list-style-type: none"> - Bots de comentários automáticos. - Curtidas, compartilhamentos sem comentários. - Mensagens automáticas geradas por plataformas.

Fonte: os autores com base em Monte (2007), Marques (2022), Adam e Gilles Lugin, (2006/2007), Nagel e Fith (2015) e Paveau (2021).

Sobre esses fenômenos de apagamento, coadunamos com os autores citados, tendo principalmente em vista os exemplos apresentados do fenômeno na esfera literária (Monte, 2007), na esfera jornalística (Adam; Gilles Lugin, 2006/2007), nos discursos de celebração (Marques, 2022) e nas formas do anônimo (Nagel e Fith, 2015; Paveau, 2021). cremos, assim como Authier-Revuz (1990), que o apagamento têm função de acentuar as formas de heterogeneidade do plano enunciativo. Os dados dos estudos citados e nossa própria observação geral desses ambientes revela a construção de um jogo discursivo com gradações entre as posturas enunciativas (uso ou marcação do PDV, assumido, imputado, levado em conta) e as formas de presença-ausência do locutor ou vozes por ele gerenciadas em contextos de interação e no mapa do fazer discursivo.

2 Aspectos metodológicos

Neste estudo, adotamos a pesquisa qualitativa de caráter exploratório e interpretativista. Seguindo procedimentos adotados em diferentes trabalhos na área do texto e do discurso, como em Glück e Giering (2024), Ciulla, Silva, Pinto e Cortez (2024), Catelão e Muniz-Lima (2024, no prelo), entre outros, destacamos um “instante discursivo” (Moirand, 2020) no ecossistema X. Assim, selecionamos um pequeno corpus, através de capturas de tela, para descrever e analisar as estratégias de apagamento enunciativo evidenciadas em postagem realizada no perfil @LulaOficial.

A postagem analisada em nosso estudo gira em torno de questão polêmica iniciada com a apresentação do Projeto de Lei 1.904/2024 pelo então deputado federal brasileiro Sóstenes Cavalcante. A proposta tinha como objetivo alterar alguns artigos do Código Penal, como, por exemplo, equiparar o aborto legal ao crime de homicídio simples - mudança que gerou maior comoção entre diferentes setores da sociedade. Em junho de 2024, a Câmara dos Deputados aprovou um requerimento de urgência para acelerar a tramitação do projeto, o qual recebeu apoio de conservadores e religiosos e forte oposição de grupos de direitos humanos e feministas. O atual Código Penal brasileiro permite o aborto legal em três situações: i) se a gravidez representar risco à vida da mulher; ii) se a gravidez é consequência de estupro; iii) se o feto é diagnosticado com anencefalia¹¹. Por

¹¹ Para mais informações, consultar: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/entenda-em-quais-situacoes-o-aborto-e-permitido-no-brasil/>.

sua vez, o PL 1.904/2024 pretende, por exemplo, endurecer as penalidades para abortos realizados após 22 semanas de gestação, ao equipar o ato ao crime de homicídio simples, com a justificativa de “viabilidade fetal”, o que gerou, como mencionado, uma série de críticas por parte de diferentes esferas sociais¹².

Após essa contextualização, apresentamos o corpus selecionado para análise. Trata-se de postagem realizada pelo então presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, no seu perfil na rede social X (@LulaOficial) no dia 15 de junho de 2024¹³. Entendendo com Cavalcante e Muniz-Lima (2022) que a construção de sentidos em mídias como o X acontece numa espécie de agrupamento ou compósito de textos, analisamos, ainda, um conjunto de seis comentários, cuja captura de tela foi realizada nos dias 12 e 17 de agosto de 2024¹⁴, na ordem em que apareceram na conta de um dos pesquisadores. O critério dessa escolha se deu em função da complexidade de recursos languageiros e tecnológicos utilizados pelos locutores. Selecionamos os comentários que apresentaram recursos semióticos imagéticos, uso de marcações e *hashtags*, além de emojis, de modo que pudéssemos analisar como esses recursos contribuiriam no apagamento enunciativo em contexto digital.

3 Análise e discussão do corpus

Segundo o contexto apresentado para a postagem iniciadora, indicado anteriormente, iniciamos a descrição e a análise por esta postagem realizada pelo então presidente brasileiro no seu perfil @LulaOficial (Figura 1). Em termos enunciativos, temos aqui não a emergência de apagamento enunciativo, mas a apresentação de um LI/EI (@LulaOficial) como sendo ele o responsável enunciativamente pelo PDV:

12 Para mais informações, consultar: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2434493/>.

13 A postagem pode ser acessada através deste link: <https://x.com/LulaOficial/status/1801949211715420324>.

14 A menção à data da captura de tela é importante, pois, em função do dia em que o acesso é feito, a atuação dos algoritmos altera a ordem dos comentários apresentados. Nas observações empreendidas em Muniz-Lima (2024), a autora reflete, em diálogo com Paveau (2021), sobre o modo como os algoritmos atuam na tentativa de direcionar o olhar do interlocutor para determinados conteúdos e, assim, provocar determinados modos de ver, pensar e sentir.

Figura 1 - Postagem iniciadora



Fonte: Perfil @LulaOficial.

Observamos que, ao iniciar seu dizer com “Eu, Luiz Inácio, sou contra o aborto” e “Eu acho uma insanidade querer punir uma mulher vítima de estupro com uma pena maior que um criminoso...” L1/E1 delimita seu lugar de fala e sua responsabilidade pelo PDV apresentado na postagem, marcado linguisticamente com o pronome pessoal em primeira pessoa “Eu”. Além dessas marcas, há nesse ecossistema digital outras formas verbo-icônicas e ferramentas apresentadas por esse próprio ecossistema que permitem realizar a identificação de figuras de locução e interlocução, tais como o @, o nome e a foto de perfil, além da marcação de conta verificada (🔵). Esses itens, como uma forma de contraste, asseguram a validação do PDV a um possível locutor. Também no que se refere ao tipo de gerenciamento do PDV realizado por L1/E1, é possível perceber que, ao mesmo tempo que se assume como fonte desse PDV, L1/E1 usa como estratégia não apresentar nominalmente outros I2/e2, como o/os responsável/eis pela proposta de lei, mesmo que impute a ideia a um e2, de certo modo, apagado em “eu acho uma insanidade querer punir mulheres vítimas de estupro com uma pena maior que um criminoso que comete o estupro”. Esse tipo de uso realizado por L1/E1 apaga/mascara/deixa discretas opiniões importantes para o debate público, como a liberdade das mulheres sobre seus próprios corpos e a despenalização para mulheres que fazem aborto, em particular em relação a países que apresentam uma legislação progressista, como Canadá, França, Holanda, Suécia, Austrália e Uruguai, nos quais a legislação focaliza a autonomia da mulher. Essa ordem

de apresentação das informações (primeiro dizer que é contra o aborto; depois considerar insano o aumento da pena) pode acenar para um desejo primeiro de adesão de interlocutores conversadores ao seu discurso, deixando ao fundo a discussão sobre as polêmicas mudanças do projeto de lei. Em sua postagem iniciadora, L1/E1 não faz, assim, referência direta ao PL 1904/24, deixando nas inferências contextuais (momento sócio-histórico, data da postagem, viralização/polemização do assunto nas mídias e nas ruas), a relação de sua postagem com o Projeto de Lei em questão.

Nesses limites, esse uso corrobora em parte com nossa hipótese de que aspectos da interatividade (Muniz-Lima, 2024)¹⁵ podem estar relacionados a níveis, maiores ou menores, de apagamento enunciativo, especialmente quando este é realizado na figura de L1/E1. De acordo com a autora, os níveis de interatividade podem se revelar através dos botões de curtida, de comentários e repostagens, os quais demonstrariam um certo controle do conteúdo, na medida em que permitiriam aos interlocutores coconstruir sentidos com o locutor/enunciador da postagem iniciadora e demais participantes da interação. Na interação em análise neste artigo, poderíamos visualizar uma série de posturas enunciativas como assumir, imputar, levar em conta, concordar, discordar como também uma forma enunciativa de L1/E1 identificada (como o perfil @LulaOficial) ou apagada.

A Figura 2 traz exemplos (A, B e C) de tipos de apagamento que se valem de recursos languageiros, como se observa pelo uso de substantivos que marcam um tipo de identificação política (A - Facismo Freest...), de jogos linguísticos (B - Sicko mode) e de um termo grosseiro como identidade (C - Sr. Bolas Grandes c...), além das imagens de perfil (convoca-se, portanto, o sistema semiótico imagético) também genéricas, como uma fotografia de uma face feminina de óculos escuros e em preto e branco, a cabeça de um cachorro com peruca vermelha e um gato deitado, respectivamente. Com esses pseudônimos, esses perfis fazem referência à postagem iniciadora. L1/E1 C (Sr. Bolas Grandes c...) usa o recurso tecnológico do pseudônimo para um tipo de ataque mais agressivo, retomando a fala de I2/e2 (@LulaOficial) em forma de imputação. Seu PDV é marcado ainda pelo uso de outros elementos da máquina, como o recurso tecnológico da marcação (@lukavie e outros). Ainda, observa-se uma linguagem mais informal, própria de

15 Sobre o conceito de interatividade, propomos: “assumiremos interatividade como um aspecto tecnolinguageiro da interação que implica executar ações diretas, ativas e síncronas entre interlocutores no processo de construção de sentidos e que pode ser observado com base em três aspectos - controle do conteúdo, caráter dialogal e sincronidade” (Muniz-Lima, 2024, p. 168).

alguns textos que circulam na internet, como “kakakakkkkk”, “po, vtmnc”, e também linguagem coloquial ou chula, como em “no meio do caralhau dessa PL”. Os outros L1/E1 A e B igualmente se aproveitam do anonimato para seguir com a crítica à fala apresentada na postagem iniciadora, contudo, em tom mais brando.

Figura 2 – Primeiro grupo de comentários



Fonte: <https://x.com/LulaOficial/status/1801949211715420324>.

Nesse tipo de interlocução, a reação à postagem com apenas uma curtida já demonstraria um certo nível de apagamento enunciativo tecnolinguageiro em relação aos usuários que comentam usando perfis em que o nome e a foto (reais e/ou verificados) são evidenciados. Por sua vez, os interlocutores que comentam com pseudônimos (como é o caso de Sr. Bolas Grandes c...) revelam níveis maiores de apagamento enunciativo, o que facilitaria, como vemos na Figura 2, ataques mais agressivos, flertando com a ciberviolência. Essa reflexão busca fazer um diálogo com o pensamento de Baym (2010), que defende que determinadas pistas de identidade social não seriam aparentes no digital e que os interactantes ganhariam maior anonimato como resultado dessa característica. De acordo com a pesquisadora, os atores seriam mais “despersonalizados”, perdendo o sentido do eu e do outro. Nesse sentido, o anonimato redistribuiria o poder social, o que influenciaria no modo de dominar e impor suas visões de mundo aos outros.

A Figura 3 traz três exemplos, semelhantes aos mencionados no exemplo anterior: no comentário A, L1/E1 (@RightPrinter) se vale também, na construção de seu PDV, do sistema semiótico imagético no comentário B, L1/E1 (Vitor, o fidalgo) usa um pseudônimo e o emoji de uma águia e da bandeira de Botswana para se identificar. No comentário C, L1/E1 (@jujubatidão) se vale também de um pseudônimo e de uma imagem de um tuíte com uma publicação também anônima, de @pj, com os dizeres em inglês “Lula is always tweeting shit like ‘who the hell is the president I’d like to have a word with him’” (“Lula está sempre tuitando besteiras como ‘quem diabos é o presidente’? Eu gostaria de ter uma conversa

com ele”), datada de 25 de maio de 2022.

Figura 3 – Segundo grupo de comentários



Fonte: <https://x.com/LulaOficial/status/1801949211715420324>.

A foto de perfil do locutor de pseudônimo @RightPrinter é uma imagem de um robô vestido de terno fazendo gesto em “V” com os dedos. Seu PDV se evidencia, no comentário, por meio do uso de um GIF (junção de imagens de baixa resolução) que pode ser entendido como uma crítica/ironia ao posicionamento do presidente em relação ao aborto, já que o desenho faz referência ao Partido Comunista, cujas ideologias são frequentemente relacionadas, pela oposição ao governo, ao partido de Lula. Já @Vitor, o fidalgo, no segundo comentário apresentado na Figura 3, marca seu PDV ao sugerir que há uma incoerência do presidente ao ser contra e a favor do aborto ao mesmo tempo. Por fim, destaca-se o LI/EI @jujubatidão, o qual, no terceiro comentário da Figura 3, apenas imputa um PDV a I2/E2 @pjayevans, imprimindo um anonimato em duas instâncias enunciativas e novamente marcando a fala da postagem iniciadora como “um tipo de besteira”. Todos esses locutores enunciadorese se valem de uma certa proteção garantida pelo pseudoanonimato para realizar críticas em desacordo com o PDV expresso na Figura 1.

Considerações finais

Com as análises e a proposta da tabela 1 a respeito dos apagamentos enunciativos, não procuramos exaurir essas formas e usos, mas realizar uma espécie de síntese de algumas possibilidades de apagamentos ou mesmo certa gradação com o objetivo de facilitar a observação analítica de seus usos ou for-

mas em diferentes contextos ou esferas de circulação. Não se pretendeu, ainda, uma generalização, uma vez que observamos que o fenômeno é saliente tanto por formas linguísticas quanto por elementos multissemióticos e tecnológicos.

A análise de um contexto de interação específico, como foi o caso da polêmica sobre a PL contra o aborto legal, de autoria do deputado Sóstenes Cavalcante em 2024, mostrou que a observação de aspectos da interação digital, como a preferência pelo pseudonimato, podem lançar luz sobre alguns modos de apagamento enunciativo e de apresentação de pontos de vista.

Referências

ADAM, J-M. **La linguistique textuelle**. Paris: Armand Colin, 2020.

ADAM, J-M.; GILLES LUGRIN, G. Effacement énonciatif et diffraction co-textuelle de la prise en charge des énoncés dans les hyperstructures journalistiques, **Semen**, 2006/2007 <http://journals.openedition.org/semen/4381> <https://doi.org/10.4000/semen.4381>.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 21/08/2024.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2019.

BAYM, N. K. **Personal connections in the digital age**. Polity: University of Rochester, 2010.

CATELÃO, E. M.; MUNIZ-LIMA, I. Aspectos da tecnotextualidade na gestão dialógica de pontos de vista em postagens de Junior Yanomami no X. **Revista Heterotópica**, v. 6, n. esp., 2024.

CAVALCANTE, M. M. et al. **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. Campinas, SP: Pontes editores, 2022.

CAVALCANTE, M. M.; MUNIZ-LIMA, I. Texto e interação em ambiente digital. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2419, p. 1-17, outubro/2022. DOI: 10.22168/2237-6321-2419. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2419>. Acesso em: 02 de jun 2025.

CIULLA, A.; SILVA, A. A.; PINTO, R.; CORTEZ, S. L. Textualidade digital e enunciação: os comentários de webnotícias. **Linha D'Água**: São Paulo, v. 37, n. 01, p. 105-127, jan.-mar., 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/213248>. Acesso em: mai. 2024.

GARCIA, J. dos S. **O enunciador digital em ecossistemas chans: interações e ciberviolência**. 2024. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2024. Disponível em: <https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/34167/1/chansinteracoesciberviolencia.pdf>. Acesso em: 02 jun 2025.

GLÜCK, E. P.; GIERING, M. E. Discurso digital e divulgação científica no Twitter: análise da heterogeneidade tecnoenunciativa em tuíte reunido pela hashtag #divulgaçãocientífica. **Linha D'Água**: São Paulo, v. 37, n. 01, p. 86-104, jan.-mar. 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/213248>.

br/linhadagua/article/view/212842. Acesso em: 25 mai 2024.

MARQUES, M. A. Discursos de celebração e estratégias de apagamento enunciativo. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**. n. esp., v. 1 p. 13-30, 2022. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/80912/3/Discursos%20de%20celebracao%20e%20estrategias%20de%20apagamento%20enunciativo.pdf>. Acesso em: 02 jun 2025.

MOIRAND, S. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradução de Fernando Curtti Gibin; Julia Lourenço Costa. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41. Disponível em: <https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/826>. Acesso em: 3 mai. 2024.

MONTE, M. Poésie et Effacement Énonciatif. **Semen**, n. 24, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/semen/6113>.

MUNIZ-LIMA, I. **Linguística Textual e Interação Digital**. Campinas/SP, Pontes editores, 2024.

NAGEL, E. van der; FRITH, J. Anonymity, pseudonymity, and the agency of online identity: Examining the social practices of r/Gonewild. **First Monday**, v. 20, n. 3, mar. 2015. DOI: 10.5210/fm.v20i3.5615. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/5615>. Acesso em: 02 jun 2025.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Tradutores Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1 ed. Campinas, SP. Editora Pontes, 2021.

RABATEL, A. **Pour une lecture linguistique et critique des médias**: empathie, éthique, point(s) de vue. Limoges: Lambert-Lucas, 2017.

RABATEL, A. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée. **Langue Française**, Paris, Larousse, n. 162, p. 71-87, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/39064168_Prise_en_charge_et_imputation_ou_la_prise_en_charge_a_responsabilite_limitee. Acesso em: 02 jun 2025.

Sobre o autor e a autora

Evandro de Melo Catelão - Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2013). Professor Adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Curitiba/PR, onde atua também no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL-CT. Membro dos grupos de pesquisa Getd (UTFPR) e Protexito (Unilab). E-mail: evandrocatelao@utfpr.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3006-5051>.

Isabel Muniz-Lima - Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2022). Professora Adjunta na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Membro dos grupos de pesquisa Protexito (Unilab), Getel (UFAL) e Gramática & Texto (CLUNL). E-mail: isabel.muniz@fale.ufal.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2809-8292>.